



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado



Flávio mentiu e evidenciou falha

Vorcaro teria enviado dinheiro por fundo de advogado ligado à família Bolsonaro

O senador e pré-candidato a presidente Flávio Bolsonaro mentiu quando disse não ter pedido dinheiro a Daniel Vorcaro, do Banco Master, para financiar o filme sobre o seu pai, o ex-presidente, hoje presidiário, Jair Bolsonaro. Quando foi obrigado pelos fatos a se desmentir, disse ter pegado cerca de R\$ 61 milhões do banqueiro para o filme, mas a produtora do longa garante não ter recebido nada de Vorcaro nem de empresas a ele ligadas.

Como a produtora alega confidencialidade dos contratos com investidores para não mostrar a origem do financiamento da obra, restaram, até agora, duas opções

na mesa: (1) o dinheiro nunca foi para o filme; (2) a produtora não contabilizou como dinheiro ligado a Vorcaro, uma vez que ele teria passado pelo fundo Havengate Development Fund LP., registrado nos Estados Unidos por um advogado ligado à família Bolsonaro. A hipótese número 1 seria um problema para as partes e para a polícia. Já a hipótese número 2 traz à tona um problema sistêmico que o mercado financeiro precisa enfrentar: a bagunça que se tornou o uso de fundos de investimentos.

O fundo do caso Bolsonaro, especificamente, fica nos EUA, mas toda a investigação sobre o Master e a Reag gestora enrola

da com os esquemas de Vorcaro e em investigações envolvendo lavagem de dinheiro do Primeiro Comando da Capital (PCC) mostra que o sistema financeiro está operando com pontos cegos demais em relação a fundos de investimento.

Hoje o Brasil possui cerca de R\$ 11 trilhões em ativos, espalhados em mais de 30 mil fundos, segundo dados oficiais. Nos EUA, são R\$ 186 trilhões, concentrados em menos da metade: 13,7 mil fundos.

A pulverização, por si só, já dificulta a fiscalização. Além disso, enquanto corretoras e bancos são fiscalizadas pelo gigante Ban-

co Central, a fiscalização dos fundos cabe à Comissão de Valores Mobiliários (CVM). E a autarquia vive o oposto do que seriam seus dias de glória.

Diagnosticada com um quadro de “atrofia institucional e asfixia orçamentária”, segundo o ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), a CVM deveria cuidar de um mercado que só cresce enquanto seu próprio orçamento discricionário minguou para cerca de 30% do que era há uma década. O xerife do mercado não tem cavalo nem estrela.

O órgão está no maior hiato de sua história sem um presidente definitivo, operando sob comando interino e com um colegiado fantasma: apenas dois dos cinco diretores previstos em lei estão nos cargos. A paralisia não é acidental.


A CVM arrecada mais de R\$ 1,1 bilhão com sua taxa de fis-

calização, mas o Tesouro Nacional retém cerca de 70% desses recursos para fazer caixa.

Uma recente liminar do ministro Flávio Dino determinou que a União pare de reter o dinheiro da CVM e libere ao menos 70% da arrecadação da taxa para a autarquia, exigindo um plano de reestruturação imediato. Mas a Advocacia-Geral da União já recorreu, alegando que o Judiciário não tem poder para “reescrever” o orçamento.

Seguir operando no escuro não é uma possibilidade. A negociação de Bolsonaro com Vorcaro só apareceu com o vazamento de conversas pela imprensa. Caso contrário, seriam R\$ 61 milhões voando. Quantos outros estão por aí sem ninguém ver?

Na falta de quem separe sistematicamente o joio do trigo, toda a indústria acaba arrastada para o lamaçal do noticiário.




banriway

A vida financeira do seu filho começa aqui.

A nova conta para crianças e adolescentes do Banrisul.

Para eles terem **mais autonomia e segurança.**



banrisul

www.banrisul.com.br/banriway

Fortalecimento do aço é fundamental para o crescimento do País, diz CEO da ArcelorMittal

/ INDÚSTRIA

Cláudio Isaias

isaiasc@jcrs.com.br

O excesso de importações predatórias, especialmente da China, que ameaçam a produção nacional de aço e medidas de defesa comercial mais rigorosas pelo governo brasileiro foram temas discutidos pelo presidente da ArcelorMittal Brasil e CEO da ArcelorMittal Aços Plano Latam, Jorge Luiz de Oliveira, na reunião-almoço da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS) realizada nesta quinta-feira. Segundo Oliveira, a concorrência desleal da China é o principal desafio ao setor do aço no Brasil. “O excesso de subsídios pelo governo chinês e a prática de dumping prejudicam a produção brasileira de aço”, destaca.

Sobre a necessidade de medidas de defesa comercial, o CEO da ArcelorMittal aponta medidas como tarifas e cotas de importação para garantir a isonomia competitiva e a continuidade dos

investimentos no País. “O fortalecimento do setor do aço é fundamental para o crescimento econômico do Brasil. Dependemos também de juros baixos e segurança jurídica”, destaca. Na palestra, Oliveira abordou o tema “A nova dinâmica global e seus impactos e oportunidades no mercado siderúrgico”.

Segundo Oliveira, as principais economias do mundo têm reforçado a proteção local, visando à isonomia competitiva. “O Brasil tem avançado na pauta de defesa comercial reagindo aos movimentos globais”, ressalta. O dirigente afirma que o mercado global segue estável, pressionado pela desaceleração chinesa. Enquanto nos mercados fora da China, a perspectiva é positiva com destaque para a Índia. De acordo com o presidente da ArcelorMittal, para que o Brasil possa ser o protagonista de novos investimentos é necessário trabalhar cada vez mais no desenvolvimento da cadeia produtiva nacional. “Temos que garantir um ambiente com isonomia competitiva e investimentos

para o desenvolvimento da indústria nacional”, acrescenta.

O presidente da ArcelorMittal comenta que o mundo vive hoje uma crise geopolítica gigantesca. Ele aponta a pandemia de Covid-19, a guerra da Rússia contra a Ucrânia, a captura do presidente da Venezuela pelos Estados Unidos e a guerra no Oriente Médio - Estados Unidos/Israel contra o Irã. “Existe um movimento turbulento no mundo. Isso é um problema”, comenta. Diante dessa turbulência, Oliveira acredita que o Brasil tem a grande oportunidade de crescer, principalmente o setor do aço. “Temos uma indústria forte. O governo brasileiro precisa resolver a questão da importação predatória, principalmente da China”, acrescenta.

Sobre as eleições presidenciais de 2026, Oliveira diz que o setor aguarda medidas que promovam a queda das taxas de juros e o controle da inflação. Fatores que, segundo ele, são essenciais para estimular o consumo na ponta final e viabilizar novos investimentos.



Oliveira afirma que Brasil tem avançado na pauta de defesa comercial

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC